



EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS DE UMA PROFESSORA EM FORMAÇÃO CONTINUADA NA ESCOLA RIBEIRINHA PROF^a DIAN KELLY

Experiences and challenges of a teacher in continuing training at school ribeirinha Dian Kelly

Elida Nascimento¹

Lucilene Pacheco Santos²

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo geral relatar a minha experiência pessoal como professora saindo da área urbana e realizou a formação continuada no curso de pós-graduação “Gestão de projetos e Formação docente” integrado ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação – LEPETE. As aulas da pós aconteceram na escola Municipal de Tempo Integral Professora Dian Kelly do Nascimento Mota está localizada na Comunidade do Abelha, Rio Negro, Tarumã Mirim, zona ribeirinha de Manaus. A Escola foi a sala de aula para especialização voltada para Gestão de projetos e formação docente, levando em consideração o cotidiano escolar e as vivências dos professores e estudantes. Durante todo o curso (2021-2023), fomos levados a refletir sobre o “eu professor/a” Quem eu sou? O que me torna professor/a? Foi uma experiência de viagem no tempo, que aprimorou habilidades docentes na realização de projetos para as turmas de educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental I, aprendendo novos saberes. O vai e vem no trecho urbano e área ribeirinha permitiu conhecer uma realidade do contexto educacional escola das águas e floresta. Uma realidade cheia de desafios amazônicos no fazer formação continuada/docência/ensino/aprendizagem, onde a educação do campo deve ser pensada em função das necessidades e peculiaridades que a vida escolar ribeirinha proporciona e ao decorrer do processo formativo foi relembrar alguns dos motivos que me levaram a ser professora, e, a escola ribeirinha foi este lugar de navegar/caminhar de esperança para a sustentabilidade e desenvolvimento das vidas de quem cuida e mora na floresta, nos mostrando que, apesar dos desafios e das dificuldades, a escola é compreendida como uma alternativa importante para tirar homens e mulheres da condição de oprimidos.

Palavras-chave: Formação; Escola ribeirinha; Professora.

¹Graduada em Ciências Biológicas. eman.ppf21@uea.edu.br

² Mestre em Educação. Professora pesquisadora do LEPETE/UEA/CNPq; Coordenadora Pedagógica do PAD; Formadora da Divisão de Desenvolvimento Profissional do Magistério/DDPM/Semed/Manaus lucilene.santos@semed.manaus.am.gov.br



Abstract

The general objective of this work is to report my personal experience as a teacher leaving the urban area and undergoing continued training in the postgraduate course “Project Management and Teacher Training” integrated into the Teaching, Research and Transdisciplinary Experiences in Education Laboratory – LEPETE. The postgraduate classes took place at the Municipal Full-Time School Professor Dian Kelly do Nascimento Mota, located in Comunidade do Abelha, Rio Negro, Tarumã Mirim, a riverside area of Manaus. The School was the classroom for specialization focused on Project Management and teacher training, taking into account the daily school life and the experiences of teachers and students. Throughout the course (2021-2023), we were led to reflect on the “teacher self” Who am I? What makes me a teacher? It was a time travel experience, which improved teaching skills in carrying out projects for classes from kindergarten to the 5th year of elementary school I, learning new knowledge. The coming and going in the urban section and riverside area allowed us to learn about the reality of the educational context of the water and forest school. A reality full of Amazonian challenges in continuing education/teaching/teaching/learning, where rural education must be thought of in terms of the needs and peculiarities that riverside school life provides, and during the training process it was to remember some of the reasons that led me to become a teacher, and the riverside school was this place to navigate/walk with hope for the sustainability and development of the lives of those who care for and live in the forest, showing us that, despite the challenges and difficulties, the school is understood as an important alternative to lift men and women out of their oppressed condition.

Keywords: Training; Riverside school; Teacher.

INTRODUÇÃO

O curso de pós-graduação em especialização “Gestão de projetos e Formação docente” faz parte de um projeto de extensão do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Experiências Transdisciplinares em Educação – LEPETE é um grupo de pesquisa, ensino e extensão da Universidade do Estado do Amazonas. Este projeto visa a formação continuada de professores(as) da rede municipal de educação, realizada por meio do Projeto Oficina de Formação em Serviço (OFS).

As aulas no projeto OFS, ocorreu (2021-2023), em nove escolas municipais na cidade de Manaus, sendo 01 Centro Municipal de Educação Infantil (Cmei), 03 escolas de ensino fundamental I área urbana, 01 escola de anos finais, 01 escola de Tempo



Integral ribeirinha, 01 escola indígena; 01 escola Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos (CEMEJA) e 01 escola rural rodoviária localizada no Km 19 na rodovia Am/010.

A vivência e os desafios de uma professora em formação continuada aconteceram na Escola Municipal de Tempo Integral Professora Dian Kelly do Nascimento Mota localizada na Comunidade do Abelha, Rio Negro, Tarumã Mirim, na Av. Antônio de Sá Freitas, zona ribeirinha de Manaus. A comunidade fica a margem do Rio Negro onde passa pelos períodos de cheia e seca de acordo com os meses chuvosos e os meses de estiagem.

O ESPAÇO GEOGRÁFICO E FÍSICO – CAMINHOS ATÉ A ESCOLA...

Acordava de madrugada para pegar um ônibus às 5 da manhã chegar a Marina do Davi (local de onde sai as embarcações tanto para as escolas, quanto para as comunidades próximas de Manaus) 7h, e pegar o barco escolar que levava até a escola. Chegar a escola era geralmente um misto de aventura e imprevistos. Isso porque, se o tempo estivesse chuvoso era preciso esperar, se o barco primeiro tivesse que fazer a rota para levar os estudantes até a escola também deveríamos esperar. Muitas, vezes chagava tão cedo, mas somente saia do porto da Marina às 8h. Esses trajetos até a escola já eram em si, momentos de vivências sobre a cultura e cotidianos de quem estuda e de quem ensina na área ribeirinha e mora na área urbana de Manaus.

A escola e seus recursos humanos - tem 1 (uma) gestora, 8 (oito) professores, sendo 1 professor de Educação Física para atender todas as turmas, 2 (duas) professoras de Educação Infantil, 5 (cinco) professores de 1º ao 5º ano, do Ensino Fundamental I, 1 (um) pedagogo, 1 (um) coordenador de telecentro, 1 (uma) cozinheira, 1 (uma) amiga da escola, 2 (dois) auxiliares de serviços gerais, 1 (um) condutor de lancha e 1 (um) monitor. A escola atende uma média de 97 alunos, e um



dos grandes desafios lá em 2022, foram as implicações na aprendizagem dos/as estudantes em virtude dos do que vivenciado durante a pandemia que impactou diretamente na escola desde março de 2020 quando as aulas presenciais foram suspensas.

Além das dificuldades para superação dificuldades de aprendizagem, há pouco material didático, ausência de energia elétrica, sobrecarga de trabalho ao professor/a pois fica o tempo inteiro com a turma pois a escola é de integral. Alguns estudantes já pegaram a malária e a dengue por isso, ao longo do ano e ficam na impossibilidade de frequentar a escola porque estão doentes e muitos deles não recebem acompanhamento médico, pois na comunidade não existe hospital. Para HAGE (2005), “esses fatores são responsáveis pela infrequência e a evasão escolar, o que causa prejuízos à aprendizagem e formação do aluno do campo.” O desenvolvimento educacional no campo que ocorre atualmente em Manaus e em nosso país torna-se a cada dia uma realidade de exclusão. Sobre a educação de campo Fonseca (2015), afirma que:

Os movimentos sociais e a busca por educação capaz de suprir as reais necessidades educativas do campo, principalmente que priorize o resgate a sua identidade de sujeito do campo, com vínculo nos seus interesses socioculturais, econômicos e que contribua para a sua permanência no campo com dignidade, ainda parece uma utopia (p. 36).

A educação do campo deve ser pensada em função das necessidades e peculiaridades que a vida no campo exige. Independentemente de cor, raça, sexo, idade ou religião. Pois a população camponesa, assim como a urbana, deve ter seus direitos e deve ter acesso a uma educação que seja e esteja vinculada a realidade em que esta gente está inserida.

Neste sentido, a grande relevância da formação continuada para docentes, que estão sempre em busca de se atualizarem para levar uma educação de qualidade e transformadora, perpassa sobre o conhecimento e a intervenção educacional na



comunidade a qual a comunidade está inserida. Assim, é pertinente a análise crítica de Hage sobre o modelo implementado nas escolas do campo (2005):

[...] a escola acaba adotando o mesmo currículo, mesmo método de ensino e o mesmo critério de avaliação, com a diferença de ser organizada em uma escola do campo e que possuem classes multisseriadas, ou seja, formadas por alunos de diferentes faixa-etárias e níveis de aprendizado, sendo conduzidas por um único professor.

Levando em consideração esses fatores, descrevo a minha experiência pessoal como professora saindo da área urbana e fazendo formação continuada em uma escola na área ribeirinha.

Descrição da experiência pedagógica

O Cotidiano e as Culturas

O curso teve início no segundo semestre de 2021 de maneira presencial, tendo a duração de dois anos e meio. Passamos por momentos de cheia e seca do Rio Negro. A especialização é voltada para Gestão de projetos e formação docente, levando em consideração o cotidiano escolar e as vivências dos professores e alunos, o objetivo é aprimorar as habilidades dos professores na realização de projetos para as turmas, aprendendo novas técnicas.

O curso funcionou simultaneamente em duas maneiras, aulas presenciais e semipresenciais pelo do Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) dividido em quatro disciplinas de eixo epistemológico e as oficinas: metodologia do trabalho, projetos e a realização do projeto final.

Sendo realizadas aulas continuadas, onde os professores participam da formação sem sair da escola, o LEPETE em parceria com a UEA participa de forma ativa nas salas de aulas com os Assistentes à Docência que assumem as turmas dos



professores que realizam a pós, para que os estudantes não sejam liberados enquanto os/as docentes estudavam.

O Projeto Assistência à Docência (AD) chega nessas escolas municipais para dar assistência às (aos) docentes no interior da sala de aula, dando continuidade ao planejamento de ensino deste(a) professor(a), enquanto o mesmo está participando da formação das OFS. A Assistência à Docência possibilita aos(às) acadêmicos(as) um encontro com o mundo do trabalho baseado em trocas de experiências com os(as) professores(as) e a equipe pedagógica das escolas, o que permite a eles(as) a vivência da práxis pedagógica, um processo formativo contextualizado e articulado com as teorias, metodologias e epistemologias dos cursos de Licenciaturas, especialmente o curso de Pedagogia (p. 13)

As disciplinas foram desenvolvidas em duas fases: presencial e a distância. Na primeira fase à distância, por vídeo-aulas que tratavam dos conteúdos programáticos a partir de suas dimensões teóricas, metodológicas e epistemológicas. Além disso, foram realizadas atividades no Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA).

Na fase presencial as aulas acontecem de forma participativa e colaborativa, com atividades teóricas-práticas de análise e reflexão nas nossas vivências e experiências, intervenção pedagógica, por meio de leituras, discussão, problematização do cotidiano escolar e suas implicações no processo de ensino e aprendizagem. Tivemos oito disciplinas, dentre elas duas oficinas de formação:

1. A escola, currículo e o significado do trabalho docente;
2. Ciência, Letramento e Currículo: epistemologia do trabalho docente;
3. Gestão de projetos e o Currículo escolar;
4. O cotidiano e as culturas escolares;
5. Metodologia da pesquisa em Educação;
6. Oficinas de Formação Programadas;
7. Oficina de projetos - os projetos de Aprendizagem/Gestão de projetos;
8. Metodologia da Pesquisa em Educação



As quatro primeiras disciplinas foram conduzidas pela docente Adriana Barbosa e alguns professores convidados da Secretaria Municipal de Educação Semed/Manaus e Universidade Estadual do Amazonas (UEA), onde falamos de questões do cotidiano escolar, valorizando os diferentes grupos socioculturais e suas necessárias relações com a práxis educativa contemporânea, à luz do pensamento complexo e da transdisciplinaridade, nos apoiado em Edgar Morin, Maria Carmen Silveira Barbosa e Nilda Alves.

De acordo com o plano de curso de disciplina: Oficina de Projetos os objetivos são: Compreender a importância do papel do professor pesquisador e os reflexos diante a Pedagogia de Projetos; Apresentar e discutir a proposta da Pedagogia de Projetos enfatizando a prática escolar dos docentes face à estrutura curricular em ação no ambiente educativo; Planejar e construir o Projeto Formativo a partir dos problemas reais que a escola apresenta, considerando os processos, as técnicas e os recursos disponíveis de forma participativa e colaborativa; Buscar e dialogar sobre os saberes docentes, sobre as posturas didáticas e o comprometimento político-pedagógico na elaboração de Projetos, compreendendo a prática pedagógica como prática social

Que possibilitaram a elaboração de processos de ensino e aprendizagem significativos para professores/as e alunos/as a partir do Projeto Formativo da Escola, quando foi apresentado aos cursistas uma sustentação teórico/prática para o enfrentamento das várias tarefas que lhes serão solicitadas ao longo do desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem de sua formação acadêmica. As últimas Oficinas foram voltadas para construir o Projeto Formativo a partir dos problemas reais que a escola apresenta, considerando os processos, as técnicas e os recursos disponíveis de forma participativa e colaborativa.

Os procedimentos metodológicos adotados foram:

- Aulas expositivas e dialogada;



- Leituras individuais e estudos em grupos;
- Debates de ideias;
- Vídeos;
- Músicas;
- Pesquisas e trabalhos teóricos práticos individuais/grupo;
- Produção do projeto formativo.

PÚBLICO ALVO

Professores da Secretaria Municipal de Educação e alunos egressos da Universidade do Estado do Amazonas. Participaram ativamente do curso 2 (dois) alunos egressos, sendo um do curso de pedagogia e eu do curso de ciências biológicas e os professores da escola, sendo 5 (cinco) professores, 1 professor de Educação Física, 2 (duas) professoras de Educação Infantil, 1(um) professor do 5º ano e 1(um) professora do 2º ano.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA E PROJETO OFICINAS DE FORMAÇÃO EM SERVIÇO – OFS

Durante o curso vivi as particularidades da escola do campo, e como os/as professores/as acabam tendo trabalho dobrado. Os professores não moram na comunidade, por isso, todos os dias eles atravessam o rio para chegar na comunidade, sendo a locomoção um dos problemas para chegar até a escola. Pude sentir na pele a dificuldade para chegar à escola, era necessário acordar 4h horas da manhã para que pudesse chegar no horário na marina do Davi para atravessar, chegamos sempre na escola por volta das 8h da manhã e retornávamos às 11h. Uma problemática na escola é a falta de energia elétrica e conexão com a internet. Os/as professores/as não realizavam as atividades online na escola, sendo necessário levar trabalho para casa.



A escola ribeirinha continua enfrentando dificuldades, sobretudo com a escassez material pedagógico e curricular, em especial, a criação de um currículo que contemple as necessidades educativas dos sujeitos como ponto de partida. Superar o único currículo urbano é também um desafio à prática urbana-capitalista, que se sustenta com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

De acordo com Hage (2005) “o processo de ensino do/no o campo, está voltado à alfabetização de indivíduos e não no fator educar, em seu sentido amplo, trata-se de um modelo que não prepara as crianças para a vida nem no meio urbano e nem para o campo” (p. 48). Há demandas da secretaria municipal de educação para o cumprimento de demandas para o alcance de metas em relação ao índice do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

Porém, desde a Pandemia do Covid-19 houve um grande retrocesso por parte dos/as alunos/as, a maioria não conseguia realizar as atividades propostas a distância. Além disso, quando retornaram as aulas presenciais os professores receberam um calendário prioritário, que priorizou a alfabetização e letramento das crianças.

Existe uma correria e o cansaço diário, sendo estes fatores comuns aos professores/as da área rural e urbana, no entanto para os professores que atuam nas escolas rurais é muito mais difícil, pois todos os dias, inclusive no sábado³ atravessam a cidade, e o rio, levando mais de 2 horas para chegar à escola.

Como aluna da pós eu precisava ir para escola duas vezes por mês, e afirmo que o dia de ir para escola era sempre muito exaustivo, acordar muito cedo, pegar ônibus lotado, esperar pelo barco a travessia, quando voltava para casa parecia que eu havia encerrado uma maratona. Falta por parte da secretaria de educação uma maior frota de barcos para atravessar, em horários diversos.

³ O calendário escolar da Rural Rio Negro o ano letivo inicia no primeiro dia útil do mês de janeiro e encerra na segunda quinzena de outubro.



Para mim, no entanto a ida até a escola, era um momento de muita reflexão, mesmo sendo de difícil acesso, sempre ficava muito feliz em ir para escola, pois o momento formativo com os/as professores/as era sempre muito rico, ouvi os relatos sentir a realidade do lugar deles para refletir sobre que tipo de professora eu sou. Aqueles encontros foram muito importantes, sendo parte do processo de formação continuada em constante estudos e experiências docentes.

Durante todo o curso fomos levados a refletir sobre o “EU PROFESSOR” quem eu sou, o que me torna professor, foi uma experiência de viagem no tempo, onde voltei para minha infância, nunca pensei muito na minha infância, em como era na escola, e durante as aulas fui levada a pensar em como era na escola primária, pude relembrar alguns sonhos de infância que já havia esquecido, desde pequena sempre admirei o fazer docente.

Eu professora...

Sou Élide, tenho 25 anos, lembro-me bem quando estava na oitava série do ensino fundamental, atualmente o nono ano. O ano era 2010 e eu tinha 14 anos, eu tinha uma professora de língua portuguesa que era encantadora, naquela época eu amava português e adorava estudar os tempos verbais, naquela sala de aula super empolgante me pegava sonhando em ser professora um dia.

Mal sabia eu, que ali iniciava o meu sonho. Não imaginava a dura realidade que enfrentaria. Já no ensino médio tive professores excelentes de biologia, que eram inspiradores, e me encantava ainda mais com o magistério e com a biologia. No ano de 2012, tive a certeza sobre ser docente, e desde lá, não mudei mais. Em 2014 iniciei a graduação em licenciatura plena em Ciências e biologia, e não sabia o quanto isso mudaria totalmente minha vida.

Na universidade tive muitas experiências e vivências importantes na escola, sala de aula, planejamentos, e principalmente com os alunos/as. Muitos momentos foram desafiadores é difícil ser professor/a em um país no qual a educação é



desvalorizada, não há investimentos, por vezes pensei em desistir e estudar algo que me trouxesse mais dinheiro.

Mas, sempre que estou na sala de aula com os/as alunos/as sinto que é ali o meu lugar quero poder fazer parte de uma revolução educativa e da construção da nossa sociedade, e sempre lutando por uma educação mais inclusiva, igualitária, afetiva, e que principalmente valorize o trabalho dos/as professores/as, melhores condições nas escolas e no sistema educacional como um todo para que a educação alcance a esses lugares longínquos e seja significativa no processo de construção da sociedade.

Um das disciplinas mais marcante foi a segunda disciplina: **Ciência, Letramento, Currículo: epistemologia do trabalho docente**, essa disciplina tinha como objetivo analisar o papel da ciência a partir dos princípios da complexidade, da transdisciplinaridade e da decolonialidade, enquanto instrumento que visa contribuir com a melhoria da sociedade e com um mundo mais justo e menos desigual.

Essa disciplina me fez refletir na minha vida cotidiana como a ciência faz parte de tudo o que fazemos, e se o que eu faço é ciência, lembro que tivemos que fazer uma pesquisa com os alunos com a seguinte questão “O que é Ciência?” As respostas foram as mais diversas, e coisas simples do cotidiano eram vista como ciência por eles, e eles não estavam errados, a ciência está na nossa vida em tudo o que fazemos.

Porém, nem sempre lembramos disso achamos que a Ciência só é feita dentro de um laboratório com pesquisas avançadas, no entanto, fazemos ciência na escola, na sala de aula. O professor está em constante pesquisa, sempre buscando novos métodos para trabalhar com os alunos, maneiras de envolvê-los, isso faz deles professores-pesquisadores, mesmo que a grande maioria não consiga desenvolver artigos e trabalhos sobre suas experiências.

Por isso se faz importante programas como este que visa a formação continuada dos professores e dar espaço para eles fazerem pesquisas. Uma das



atividades dessa disciplina era fazer um molde de argila do nosso pé, lembro que foi um momento muito rico e divertido, a troca com os professores que no início não estavam entendendo o porquê dessa atividade, mas ao final fomos indagados “por que quis ser professor” fomos levados a pensar na nossa trajetória e no caminho que percorremos para chegar até aqui.

É necessário reconhecer a escola como um ambiente cheio de diferenças, onde essas diferenças precisam ser reconhecidas e entendidas para que a escola possa encontrar alternativa de inclusão de todos e todas no cotidiano escolar, sem que haja a exclusão das diferenças. A escola é um espaço de inclusão, se na escola existe a exclusão das diferenças e ao mesmo tentar homogeneizar, imagina-se o que acontece com a sociedade no geral.

É necessário que a escola esteja aberta às diferenças ao que nos une. Deste modo, pensar um currículo que entenda essas diferenças e que trabalhe na aceitação delas e na autonomia de cada aluno e professor. Ter presente a dimensão cultural é imprescindível para potencializar processos de aprendizagem mais significativos para alunos e alunas.

Posso afirmar que não foi um caminho fácil, mas foi gratificante e com certeza iremos caminhar ainda mais em busca de uma educação de qualidade, em busca de produzir saberes práticos, nossos saberes. No decorrer do processo formativo eu pude lembrar alguns dos motivos que me levaram a ser professora e o que me motiva como professora. Estudar na Escola Dian Kelly foi um divisor para mim, que fez perceber a existência além da cidade, a exemplo das muitas comunidades pelos beiradões amazônico, onde a escola é o único espaço de aprendizes/aprendentes da população cabocla, indígena e ribeirinha.

A escola ribeirinha é a esperança para construírem outras possíveis vidas na floresta. Nos mostrando que, apesar dos desafios e das dificuldades, a escola é compreendida como uma alternativa importante para tirar homens e mulheres da



condição de oprimidos. Por isso, conclui-se que a escola Dian Kelly para as famílias e crianças da comunidade do Abelha é esperança, para construirmos outras alternativas de vida nas florestas, ocupando outros espaços e até mesmo a escola como professores. Dessa forma buscar valorizar as tradições culturais sendo uma condição fundamental para que estes indivíduos sejam vistos como cidadãos com história e voz em poesia da poetisa escritora Adriana Barbosa.

*Na frente
Do espelho
, De repente...
. O reflexo.*

*A parada,
A medida
Das marcas
Da vida*

*Sou eu-somente,
Também sou nós;
Constituir-se depende,
Inclusive, dos nós.*

*Histórias passadas,
Histórias vividas,
Histórias narradas,
Histórias de vidas*

*Daqui em diante,
É tecer o amanhã
Com olhar radiante
Para um novo horizonte.
(Adriana Barbosa)*

REFERÊNCIAS

COSTA. Eliane. **Escolas Ribeirinhas e Seus Desafios**: faces da educação do campo na Amazônia Marajoara. Teias, Rio de Janeiro, v.22, n.66, p. (384-397), jul/set.2021.



Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/51951> Acesso em: 22 de julho de 2023.

FONSECA, Tereza. Educação no campo: desafios e experiências em classes multisseriadas. – Gurupá PA, 2015. Disponível em:

<https://bdta.ufra.edu.br/jspui/bitstream/123456789/971/1/Educa%20no%20Campo%20Desafios%20e%20experi%20aancias%20em%20Classes.pdf>

HAGE, Salomão Mufarrej (Org.). Educação do Campo na Amazônia: retratos de realidades das escolas multisseriadas no Pará. 1ª Ed. Belém 2005.

_____, Salomão Mufarrej (Org.). A Multissérie em pauta: para transgredir o Paradigma Seriado nas Escolas do Campo. Belém. 2008. Disponível em:

https://www.faced.ufba.br/sites/faced.ufba.br/files/multisserie_pauta_salomao_hage.pdf. Acesso em: 04 de julho de 2023, às 17h

RIBEIRO, Sabrina Jacaúna. Relato de experiências sobre os desafios de professores em escolas ribeirinhas da área de várzea da zona rural do município de Parintins-AM. 2022. 16f. TCC (Graduação em Licenciatura Plena em História) - Universidade do Estado do Amazonas, Parintins. 2022. Disponível em: <http://repositorioinstitucional.uea.edu.br/handle/riuea/4615> acesso dia 27 de março de 2023, às 14:28

WANZELER Eglê Betânia Portela. FERREIRA, Marcos André. MENEZES Maria Quitéria Afonso. UNIVERSIDADE ESCOLA E A DESCOLONIZAÇÃO DO CURRÍCULO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E PROFESSORAS: complexidade, transdisciplinaridade e decolonialidade. In: **CADERNO TEÓRICO III. UNIDADE CURRICULAR CIÊNCIA, LETRAMENTO E CURRÍCULO: EPISTEMOLOGIA DO TRABALHO DOCENTE.** UEA/LEPETE, 2022.